

Lula quer um governo de coalizão

por Cláudia Izique
de São Paulo

Os principais articuladores dos apoios à candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva no segundo turno das eleições presidenciais, interromperam, ontem, os contatos com representantes de partidos de esquerda e centro-esquerda. Estão reunidos com o diretório nacional do PT, e lideranças dos partidos que compõem a Frente Brasil Popular (PC do B e PCB), para definir nova estratégia de negociação. Retomarão as negociações com o PSDB, PDT e PCB, com uma proposta de governo de coalizão. O diretório decidirá, hoje, a retomada de conversas com o PMDB.

"Queremos fazer um governo de corresponsabilidade. Não interessa apenas chamar companheiros para ganhar as eleições. E preciso depois de ganharmos, tê-los no mesmo barco para que se consiga fazer uma limpeza neste barco, a curtíssimo espaço de tempo", considera Lula.

O PT está disposto a negociar cargos entre os futuros aliados. Mas desde que "em torno de um projeto que contém pontos inegociáveis", diz Luís Dulci, secretário nacional para assuntos institucionais.

Os pontos "inegociáveis", ainda não estão claramente definidos. Dulci enumera a proposta de suspensão do pagamento da dívida externa e o projeto de reforma agrária, como aqueles dos quais o PT não abrirá mão. O deputado José Genoíno, inclui entre eles, a "tutela dos militares pelo poder civil". Francisco Weffort, membro do diretório nacional considera fundamental que o PT trace as linhas de uma

política de distribuição de renda.

Os limites das negociações e a definição dos parceiros desejáveis estarão decididos hoje à tarde, quando encerra o encontro. Parece consenso que o PSDB, PDT, PCB e PV estarão entre aqueles que Lula identifica como "representantes das forças políticas sérias" e que o PT quer como aliados. Há no entanto divergências quanto à parceria com o PMDB (ver matéria ao lado).

DIVERGÊNCIAS PROFUNDAS

"Tenho profundo respei-

to pelo dr. Ulysses", afirma Lula. "Tenho o cuidado de não fazer política pelo processo de eliminação das pessoas. Mas o Ulysses deve ter cuidado de não subir em palanques porque o PMDB está esfacelado. Temos divergências profundas e ele (Ulysses) tem responsabilidades por muitas das coisas que ocorreram no Brasil".

A proposta de um governo de coalizão, ou de corresponsabilidade, não deverá mudar a "alma" do PT, que, segundo Weffort, permanecerá "intacta". No entanto, uma ampla

política de alianças deverá obrigar à reavaliação de algumas estratégias de campanha, como por exemplo aquela que prevê um discurso de confronto entre o capital e o trabalho.

Weffort adianta que, temas como "a desigualdade regional e a definição de uma política salarial" também estarão em pauta, "além do marco da contradição entre o capital e o trabalho", tema central "mas não o único". Weffort conclui: "Um partido só, não governa. Sozinhos não governamos".